

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIAS E PRÁTICAS  
DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS (PROLEITURA)

BRUNA SATURNINA DA ROCHA

**MULTIMODALIDADE: UMA ANÁLISE DE DOIS PERFIS DE REDES SOCIAIS  
DIGITAIS PARA A PREPARAÇÃO DE TEXTOS MODELO ENEM**

BELO HORIZONTE  
2023

BRUNA SATURNINA DA ROCHA

**MULTIMODALIDADE: UMA ANÁLISE DE DOIS PERFIS DE REDES SOCIAIS  
DIGITAIS PARA A PREPARAÇÃO DE TEXTOS MODELO ENEM**

Monografia de especialização apresentada ao curso de especialização em língua portuguesa: teorias e práticas de ensino de leitura e produção de textos (PROLEITURA) da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Daniervelin Renata Marques Pereira

BELO HORIZONTE  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA BRUNA SATURNINA DA ROCHA

Realizou-se, no dia 06 de novembro de 2023, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Multimodalidade: uma análise de dois perfis de redes sociais digitais para a preparação de textos modelo Enem*, apresentado por BRUNA SATURNINA DA ROCHA, número de registro 2021699840, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Daniervelin Renata Marques Pereira - Orientadora, Profa. Geisa Mara Batista, Profa. Elaine Teixeira da Silva.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 06 de novembro de 2023.

Profa. Daniervelin Renata Marques Pereira (Doutora)

Profa. Geisa Mara Batista (Doutora)

Profa. Elaine Teixeira da Silva (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Elaine Teixeira da Silva, Usuária Externa**, em 07/11/2023, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniervelin Renata Marques Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 07/11/2023, às 20:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geisa Mara Batista, Usuário Externo**, em 08/11/2023, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2783716** e o código CRC **8DB7172D**.

# MULTIMODALIDADE: UMA ANÁLISE DE DOIS PERFIS DE REDES SOCIAIS DIGITAIS PARA A PREPARAÇÃO DE TEXTOS MODELO ENEM

## MULTIMODALITY: AN ANALYSIS OF TWO DIGITAL SOCIAL NETWORK PROFILES FOR THE PREPARATION OF ENEM MODEL TEXTS

Bruna Saturnina da Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste texto, partimos da noção de multimodalidade como uma propriedade dos textos/discursos que, para ser criticamente entendida, precisa do desenvolvimento de multiletramentos dos leitores (Rojo; Moura, 2019). Objetivamos investigar como os conteúdos produzidos nas plataformas digitais YouTube e Instagram são configurados em termos de conteúdo e multimodalidade, discutindo os benefícios e os malefícios da massificação do conteúdo. Para isso, analisamos dois perfis de produtores de conteúdos dessas duas plataformas para interessados na redação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e alguns comentários de usuários dessas plataformas. A partir da análise desse material, pudemos perceber como os recursos multimodais influenciam na qualidade e na divulgação desses conteúdos e como podem refletir no entendimento do interlocutor, além de entender que, na maioria dos casos, os conteúdos produzidos no YouTube e Instagram têm a função de tornar o processo de escrita textual automático, sem lançar mão do senso crítico, inerente a todo processo de escrita autêntico e reflexivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Multimodalidade; Redação ENEM; Redes Sociais; Texto.

**ABSTRACT:** In this article, we start from the notion of multimodality as a property of texts/discourses that, to be critically understood, requires the development of readers' multiliteracy (Rojo; Moura, 2019). We aim to investigate how content produced on the digital platforms YouTube and Instagram are configured in terms of content and multimodality, discussing the benefits and harms of the massification of content. To do this, we analyzed two profiles of content producers on these two platforms for those interested in writing for the National High School Exam (Enem) and some comments from users of these platforms. From the analysis of this material, we were able to understand how multimodal resources influence the quality and dissemination of this content and how they can reflect on the understanding of the interlocutor, in addition to understanding that, in most cases, the content produced on YouTube and Instagram has the function of making the textual writing process automatic, without resorting to the critical sense, inherent to every authentic and reflective writing process.

**KEYWORDS:** Multimodality; ENEM Essay; Social Media; Text.

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Espanhol pelas UNESP-IBILCE, em São José do Rio Preto. Pós-graduanda no curso de especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA, da UFMG. E-mail: brunasdr@outlook.com.br

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	5
<b>2. Redes sociais e educação</b> .....	6
<b>3. Variedade linguística, multimodalidade e a redação do Enem</b> .....	8
<b>4. Percorso metodológico e análise de dados</b> .....	10
<b>5. Conclusão</b> .....	21
<b>Referências</b> .....	22

## 1. Introdução

Com tanta informação que temos hoje, se faz necessária uma reflexão sobre a maneira como têm sido disseminados e preparados conteúdos de estudo para a produção de redações modelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)<sup>2</sup>. É certo que é indispensável que a educação seja cada vez mais democrática. Se a internet possibilita esse acesso a mais pessoas do que a escola propicia, há, em tese, benefícios.

Em meio a um mundo globalizado e, devido às “revoluções digitais”, como, por exemplo, a ‘tiktokzação’<sup>3</sup>, os estudantes têm sido estimulados a desenvolver a capacidade de expressão através da linguagem corporal mais evidente que a da linguagem escrita. Assim, o empenho com a escrita tornou-se precário, fazendo com que outros temas se tornem mais significantes e que as capacidades inerentes à produção de um texto sejam requisitadas tardiamente.

Levando em consideração um país cuja Constituição Federal (Brasil, 1988) contempla o acesso à educação, mas onde a grande maioria das pessoas ou não tem acesso ou o tem de forma precária, o acesso à educação pré-vestibular por meio das plataformas digitais pode ser a única opção para o ingresso no ensino superior.

Ensinar a escrever não é tarefa nada fácil, depende de muitas variáveis, inclusive motoras, que são de desenvolvimento lento e gradual. Se torna ainda mais difícil tal tarefa quando se trata de uma escrita mais planejada, já que não existem receitas universais, conforme diz Antunes (2003). Escrever “é uma atividade complexa que requer conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos, por relacionar sujeitos que interagem por meio de discursos diversos”, como postula Marcuschi (2008, p. 38).

Porém, mesmo este pensamento estando de acordo com os documentos oficiais para o ensino, sobre como se deve tratar o texto na escola, o que vemos nas orientações de escrita em processos seletivos, como o Enem, por exemplo, feitas por meio do YouTube e Instagram, são atitudes que podem confrontar a concepção de texto como elemento da prática social.

O desafio de ensinar a produção de texto de maneira remota torna-se particularmente evidente no contexto de isolamento social, como foi o caso gerado pela pandemia de Covid-19 em 2020. Nessa situação de crise sanitária mundial, milhões de alunos e milhões de professores sofreram as consequências do fechamento de escolas, migrando para a internet para oferecer o acesso aos seus alunos. Em contrapartida, surgiram muitos produtores de conteúdo nas plataformas digitais sem formação que proporcionasse conhecimento técnico e pedagógico.

O uso da linguagem audiovisual nas práticas pedagógicas se mostrou um desafio desde o início, já que tudo o que era conhecido nessa área deveria ser adaptado para o novo meio de comunicação, sem contar que ainda temos a questão da defasagem na formação tecnológica dos professores.

2 Esse exame brasileiro seleciona alunos que terminam o 3º ano do Ensino Médio por meio de uma prova multidisciplinar para ingressar nos cursos de graduação em universidades.

3 Termo utilizado para a forma de comunicação rápida, de segundos, oriunda da rede social TikTok, para entretenimento ou informação. Trata-se de linguagem marcante principalmente da Geração Z.

É válido lembrar, ainda, que as novas tecnologias, aplicativos e afins do meio virtual possibilitam novos discursos – “hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia – que, por seu termo, ampliaram a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos /discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos” (Rojo; Moura, 2019, p. 26). Nesse contexto,

[...] a multimodalidade é um campo de pesquisa que parte do pressuposto de que os significados são produzidos, distribuídos, recebidos, interpretados e refeitos a partir da leitura de vários modos de representação e comunicação e não apenas por meio da linguagem falada ou escrita (Mortimer; Moro; SÁ, 2018, p. 25).

Além disso, cabe ressaltar que o ensino de redação, em detrimento do ensino dos tipos de enunciados, continua a tratar o texto como sinônimo de formas gramaticais fixas, o que significa uma permanência de uma prática limitada tanto para os textos quanto para os alunos. Sendo assim, cabe analisar e avaliar quais são as influências dos conteúdos produzidos em plataformas digitais envolvendo a multimodalidade, já que, até mesmo em ambiente escolar, onde o professor tem contato direto com o aluno, as dificuldades são enormes.

Diante desse cenário, pensando em ensino de redação para o Enem em redes sociais digitais<sup>4</sup>, alguns questionamentos, então, surgem: como o ensino de redação está sendo desenvolvido em plataformas digitais? Como os produtores de conteúdo em redes sociais digitais, geralmente professores, concebem a redação do Enem e os estudantes desse exame? Como os usuários dos perfis estudados se manifestam em comentários e demonstram a recepção do conteúdo? Essas são as perguntas que motivam esta pesquisa que se pretende responder até a conclusão, após análise de alguns aspectos, mas principalmente a multimodalidade no ensino-aprendizagem da produção de texto para fins do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por meio da análise de parte do conteúdo digital produzido por dois *edutubers*<sup>5</sup> em seus perfis do YouTube e do Instagram.

## 2. Redes sociais digitais e educação

Após tantas revoluções no curso da história da humanidade, entre elas a Revolução Agrícola e Industrial, hoje vivemos o que Silva (2006) chama de “Revolução do conhecimento”. Esta é tão poderosa e massiva que atingiu grande parte de todo o planeta Terra, incluindo os mais remotos. Desde então, intensas mudanças tecnológicas vêm guiando nosso imaginário de futuro, nossa forma de viver e interagir com as coisas e também, é claro, com as pessoas.

4 Definimos por Redes Sociais Digitais como “redes de pessoas que se formam mediante a instrumentalidade de artefatos tecnológicos como os computadores, os dispositivos móveis de comunicação (smartphones, tablets)” . BEZERRA (2013).

5 Professores ou pessoas que ocupam este lugar, que utilizam o YouTube ou suas redes sociais digitais como área para educação e se tornam celebridades no meio.

No Brasil, após a Ditadura Militar, cresceram discussões acerca do futuro da educação no país para que pudesse atender aos interesses internacionais e às camadas populares. Dessas discussões, surgem, na década de 90, os Parâmetros Curriculo Nacionais (PCN), embasados nas concepções de Piaget. Eles trazem a concepção de uma escola que é produtora de saber e difusora de estudantes críticos e criativos. Nessa época, esse documento já buscava alcançar e entender a nova geração de estudantes, com novas abordagens, no mundo mais informatizado, como percebemos neste trecho:

É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras (Brasil, 1998, p. 67).

Para o Ensino Médio, os PCN permitem entender que, daquele momento em diante, as novas tecnologias seriam guias às concepções de educação, que passariam também a fazer a preparação científica e capacitação tecnológica. Podemos perceber isso na maneira como tal documento nomeia os componentes curriculares, acrescentando o termo “tecnologias”, como, por exemplo, em “Linguagens, Códigos e suas **Tecnologias**”. Desta forma, o termo acrescentado evidencia a relevância para a área da educação que têm os processos tecnológicos.

Neste meio tecnológico, que abrange a educação brasileira, mais recentemente, inclui as redes sociais digitais, que reúnem grande quantidade de pessoas, informação e proporcionam interação em tempo real, em celulares que cabem na palma da mão. Com tanta informação e dinamismo, acabou sendo um lugar propício para que uma nova proposta educacional tomasse parte desse meio que mescla no aluno a situação de produção e a aquisição de conhecimento, os alunos e os professores.

Desta forma, a educação assume uma significação mais ampla, indo muito além das paredes das salas de aula. Favero (2016, p. 36) afirma que é preciso criar “alternativas que possibilitem uma adequação a essas mudanças e que, acima de tudo, reflita sobre o papel da educação, ou melhor, sobre seu significado: cuidar, construir, libertar”. Portanto, neste contexto, há a possibilidade de termos uma educação plural e multidimensional.

A autora Rossaro (2010) fala um pouco sobre esse dinamismo em rede e indica que o processo de ensino-aprendizagem nessas plataformas acaba propiciando uma personalização e autonomia da aprendizagem que vem de fontes variadas, além de ser menos burocrática, não sendo tal processo orientado somente a resultados. Dessa forma e com fontes de ensino cada vez mais variadas, podemos perceber uma mudança em relação ao saber: nem sempre, a partir daí, os professores serão os transmissores e os estudantes, receptores. Esse saber atinge muito mais pessoas, novos critérios e estruturas curriculares surgem, além de novas profissões, como o *Designer Instrucional* – especialista em experiências pedagógicas em meios virtuais. As relações tradicionais entre estudante-professor também mudam e se diluem.

Neste mesmo caminho, novas relações começam a surgir, como a de pessoas que não têm formação para a licenciatura, mas utilizam a boa oratória para vender (em forma de ideias e em forma de dinheiro) fórmulas prontas para estudantes. Estes compram essa ideia, transformando essas pessoas em autoridade social, pautados em resultados e promessas de



facilidade. É claro que não são todos que se encaixam nesse contexto: professores com formação também assumiram esse meio. A diferença é que aqueles utilizam a educação nos meios sociais como uma forma mercadológica e não para criar sujeitos críticos e capazes de trabalhar com essas informações ou conhecimentos de diversas formas.

Paulo Freire, com a sua noção de “Educação Bancária”, diz que esta seria como “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2005, p. 80). Desta forma, o estudante não reflete sobre o assunto estudado de forma crítica e identifica as possibilidades que existem de modificar ou ativar este conhecimento, seria simplesmente “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2005, p. 80). Vemos em muitos dos cursos que são vendidos hoje na internet e vídeos de redes sociais virtuais que são dessa forma, somente um amontoado de informações a serem memorizadas de assíncronos (sem interação da aula com o aluno e o professor em tempo real) e com pouca profundidade do assunto.

Aulas e materiais didáticos que exploram a redação “nota 1.000” se mostraram um desses produtos mais vendáveis, cheios de macetes, fórmulas prontas, argumentos fixos e senso comum nos meios digitais. Muitos desses textos exigem que os alunos saibam trabalhar com textos multimodais e seus sentidos, como geralmente vemos nas propostas de vestibulares e Enem. Quanto mais personalizado é o curso ou quanto mais experiente o professor é, geralmente, mais caro é o acesso, o que pode ser uma vantagem para a camada mais abastada: ter a informação diferente ou o professor diferente mediante essa inundação de informação, notícia e métodos que se encontram nas redes. Para aqueles que não têm condições de adquirir cursos e materiais caros, restam as opções gratuitas, que vão lhes exigir maior cuidado na seleção e garantia de qualidade do conteúdo.

### **3. Multimodalidade e a redação do Enem**

As estruturas virtuais, assim como redes sociais digitais, como Facebook, Instagram, TikTok, LinkedIn, promovem a circulação de textos em diferentes gêneros, podendo ser mais ou menos típicos do meio digital, já que são formados de hibridismo de gêneros.

O “internetês”, então, atua como uma variedade não padrão. Segundo Pires e Amaral (2011), são formas usadas em ambientes informais, entre amigos, ou em ambientes que propiciam uma forma descontraída com recursos de gírias, entre outros. Ao contrário, a norma padrão da língua é utilizada em ambientes mais formais de comunicação falada ou escrita, sendo um conjunto de padrões linguísticos. Gnerre (1985) afirma que a norma padrão se difere das outras variedades linguísticas fundamentalmente porque associa-se à escrita, à tradição gramatical, listada nos dicionários, que é apresentada como a portadora da tradição cultural e essencial para a unidade nacional.

Temos então o encontro de duas variantes linguísticas, a padrão e a não padrão. O internetês se encaixaria mais nas variantes não padrão e as redações/textos de vestibulares e Enem na variante padrão. Esta já é uma relação conflituosa por si só devido às diferentes possibilidades de associação entre elas.

Sendo uma modalidade da língua, a escrita também é uma prática social; portanto, também apresenta dinamismo e heterogeneidade. A comunicação é de manifestação coletiva e essas diferenças são provenientes das próprias relações. O que vemos, em ambientes virtuais, é a simplificação da escrita devido à necessidade de agilidade, além da informalidade do espaço. Marcuschi (2008) define o texto como sendo uma expressão que sinaliza a necessidade de um conjunto linear, o definindo como uma sequência coerente de sentenças. As redações de vestibular, assim como o Enem, querem que o aluno mostre conhecimento da norma padrão, mas também que ele seja capaz de reconhecer e compreender uma dada situação comunicativa, sabendo identificar, ler e interpretar diferentes gêneros que usam a variedade formal e/ou informal.

Esses vestibulares sempre trabalharam com diversos gêneros do discurso, sendo esses “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 279). Existe uma infinidade de gêneros textuais na sociedade, sendo determinadas pelas atividades de interação, portanto, são as finalidades que definem o tipo de enunciado a ser utilizado em cada esfera da atuação humana. Dionisio (2011) explica que, ao escrever e falar, utilizamos representações como gestos e fala, imagens e palavras, sorrisos e palavras, o que define um texto como multimodal.

Uma das definições de multimodalidade indica que todo texto é multimodal, que está intrínseco a esta forma de comunicação, e que “todos os aspectos da materialidade e todos os modos reunidos em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado” (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 28), porém, há autores, que dizem que ela está presente em materiais que unem a forma verbal à forma pictórica, gerando textos orais, escritos e pictóricos, com a utilização de imagens (Mayer, 2001 apud Nogueira, 2017), Esse conjunto e combinação de linguagens organizadas de modo intencional torna um texto multimodal, por isso temos que

O que faz com que um signo seja multimodal são as escolhas e as possibilidades de arranjos estabelecidas com outros signos que fazemos para criar sentidos, com os mesmos, quais as articulações criadas por eles em suas produções textuais (Dionisio, 2014, p. 42).

A autora, então, nos esclarece que a produção de um texto multimodal é uma escolha e junção de “recursos linguísticos como imagens, gestos e sons, para que, desta forma, o leitor estabeleça sentido ao texto produzido” (Dionisio, 2014, p. 42). Tais modos semióticos acompanham muito o contexto cultural e histórico da sociedade, que os organizam no texto da maneira com que melhor exprima a necessidade de comunicação daquele momento.

Somos cidadãos multimodais a ponto de descansarmos quando vemos imagens em frente à TV. Somos fruto de uma sociedade digital, uma sociedade multimodal. Foi nesse favorável contexto que o discurso monomodal encontrou terreno fértil para se ressemiotizar e compor os atuais discursos multimodais (Vieira; Silvestre, 2015, p. 38).

Como podemos entender, a partir do trecho acima, a Era digital tem cada vez mais recursos da tecnologia da informação que atingem diretamente cidadãos de todo o mundo, tornando-os imersos em um universo multimodal que a todo momento está presente. Dessa

forma, além das tecnologias, o texto multimodal provocou mudanças sociais profundas nos gêneros do discurso e nas formas de produção de linguagem e nos gêneros do discurso. Agora, o leitor pode atribuir o seu próprio significado ao texto se valendo dos elementos que mais o aproximam do assunto ou o que mais lhe dá sentido, fazendo com que essa forma de abrangência, mas ao mesmo tempo personalização, seja uma das características mais marcantes da nossa Era. O jornalismo, é claro, utiliza muito isso a seu favor, por exemplo, para chamar a atenção do leitor para uma notícia de diversas formas diferentes, tanto no meio físico quanto no meio digital.

A multimodalidade acabou sendo um traço forte das redes sociais digitais, as quais permitem que, se valendo de um espaço menos formal, portanto mais aceitador de diferentes recursos, seja possível utilizar ferramentas como sobreposição de imagens, músicas, recortes, entre tantos outros recursos que podem facilitar o entendimento do interlocutor ou, pelo menos, prender sua atenção. Em vídeos de professores, ao fazerem suas explicações das matérias, isso também não é diferente, sendo, novamente, uma virada de chave na educação que passa de tradicional, com aulas totalmente expositivas, para uma educação que inclui mais os alunos. Nesse formato, o professor utiliza a tecnologia para auxiliá-lo, para outra mudança, agora, com professores aparecendo em mídias digitais, especialmente vídeos, em que o aluno escolhe qual irá assistir e acompanhar a explicação, que chega até ele com diferentes recursos.

É claro que essa relação entre os elementos verbais e não verbais deve ser harmônica para que faça sentido ao leitor e não seja somente um amontoado de informações. Conforme Dionisio (2007, p. 178):

Ao lermos um texto manuscrito, um texto impresso numa página de revista ou na tela de um computador, estamos envolvidos numa comunicação multimodal. Conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.

Dessa forma, percebemos que a multimodalidade sempre esteve presente em nossas vidas, mesmo antes do termo ainda existir, pois faz parte do cerne da comunicação humana. Assim, um texto escrito, por exemplo, pode apresentar disposições diferentes para atingir públicos-alvos diferentes. Assim também ocorre na oralidade, que pode estar junto dos gestos, do sorriso, do olhar, da posição das mãos, entre outros. Já nos textos eletrônicos, esses elementos ganharam tanta potência que divulgaram ainda mais a importância do letramento visual para a sociedade.

Poderemos ver na prática, a partir do próximo tópico, como se organizam esses modelos em redes sociais digitais, mais precisamente no Instagram e no YouTube, e quais abordagens utilizam para chegarem até as pessoas.

#### **4. Percurso metodológico e análise de dados**

Objetivamos, neste artigo, refletir sobre alguns aspectos, mas principalmente a multimodalidade associada ao ensino-aprendizagem da produção de texto para fins do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Para isso, analisamos parte do conteúdo digital produzido por dois *edutubers* em seus perfis do YouTube e do Instagram. Nesses perfis, são compartilhados macetes, dicas, aulas e vendas de cursos relacionados à redação do Enem.

Partindo da análise desse material, pretende-se analisar de que formas o ensino de redação por meio de textos no YouTube e no Instagram é concebido e recebido, de acordo com o contexto social e cultural de cada interlocutor desses textos. Intenciona-se verificar se os conteúdos produzidos nessas redes sociais digitais têm a função de tornar o processo de escrita textual automático, lançando ou não mão do senso crítico, que, a nosso ver, deve ser inerente a todo processo de escrita autêntico e reflexivo. De forma geral, a análise irá investigar como os conteúdos produzidos em plataformas digitais são percebidos pela comunidade que tem acesso a ele a partir das práticas pedagógicas, discutindo os benefícios e os malefícios da massificação do conteúdo, partindo, também para a reflexão de como a multimodalidade pode interferir nesse processo.

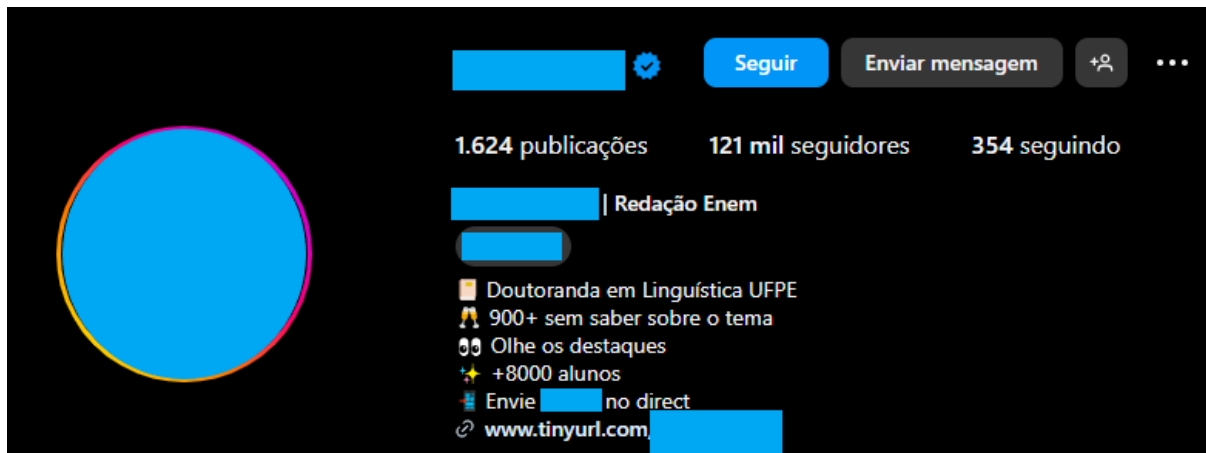
Em atendimento à resolução 510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Ética e Pesquisa do Ministério da Educação, para a coleta dos dados, as identidades dos perfis escolhidos para este estudo serão preservadas, assumindo, portanto, o nome fictício de @redação1 e @redação2, todas as informações que pudessem identificar os professores foram editadas.

Os dados foram obtidos sob uma análise interpretativa dos textos das postagens. Para uma variedade de amostragem, o *corpus* é constituído por: i) um vídeo do YouTube, já que são conteúdos mais longos e ii) uma dica em formato escrito no Instagram, de cada um dos perfis escolhidos.

Os registros dos perfis, assim como dos conteúdos selecionados, foram feitos por meio de *printscreen* (captura da tela). O tratamento das imagens para preservar a identidade dos perfis foram feitos pelo *site* de edição Canva.

A começar pelos perfis de @redação1: a conta no YouTube contém 599 vídeos e 218 mil inscritos até o mês de outubro de 2023; já ao conta do Instagram tem 1.624 publicações e 121 mil seguidores. O espaço é dedicado a dicas e venda de um “método”, que são aulas de macetes para a prova de redação do Enem. Como pudemos perceber com os números, é um perfil influente, de anos de trabalho, que alcança muitas pessoas. Na Figura 1, vemos o perfil de @redação1 no Instagram:

Figura 1: Biografia do perfil @redação1 no Instagram

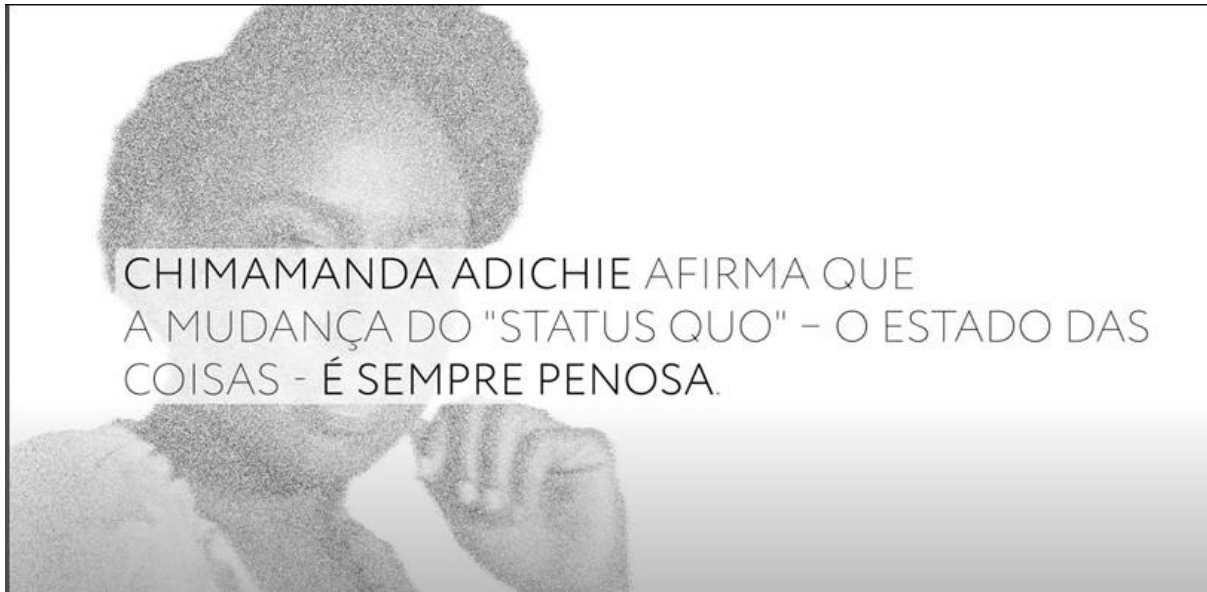


Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Partindo da biografia do Instagram do perfil @redação1, podemos ver de forma resumida qual é o objetivo do perfil e seu posicionamento. Como exibido na Figura 1, os conteúdos são guiados pela crença de que é possível tirar mais de 900 pontos sem saber sobre o tema da redação e, para gerar credibilidade, apresenta que já ensinou mais de 8.000 alunos tal método. Pelo YouTube, podemos perceber um pouco sobre o método, já que o vídeo fixado tem como título “MODELO PRONTO de redação nota 1000 para ENEM 2023”. Percebemos, já no título, várias palavras-chave que podem chamar a atenção dos alunos para que assistam. Nesse vídeo, é feito também uma chamada de venda para o curso pago.

Analisaremos o vídeo do YouTube intitulado “3 CITAÇÕES para GABARITAR a COMPETÊNCIA 2 no Enem 2023”, que segue o mesmo rumo do vídeo citado anteriormente e está de acordo com que o perfil do Instagram prega. Nesse vídeo, o perfil compartilha três citações de autores renomados que, segundo ele, podem ser usados em qualquer redação. Em uma das falas, a professora mostra uma citação da Chimamanda Adichie e no minuto 1:07 diz que é preciso se indagar: “será que o repertório tem a ver com o que você está falando?”. Essa fala se mostra contraditória, já que a professora passa três citações para serem usadas em qualquer situação, forçando uma explicação para se adequar o tema, sem mostrar um repertório do aluno propriamente dito, mas sim uma frase decorada. No minuto 3:10, ela ainda mostra um exemplo de uso de uma frase de Zygmunt Bauman adaptada do tema de redação do Enem de 2019.

Figura 2: Recurso Multimodal do vídeo de @redação1 no YouTube

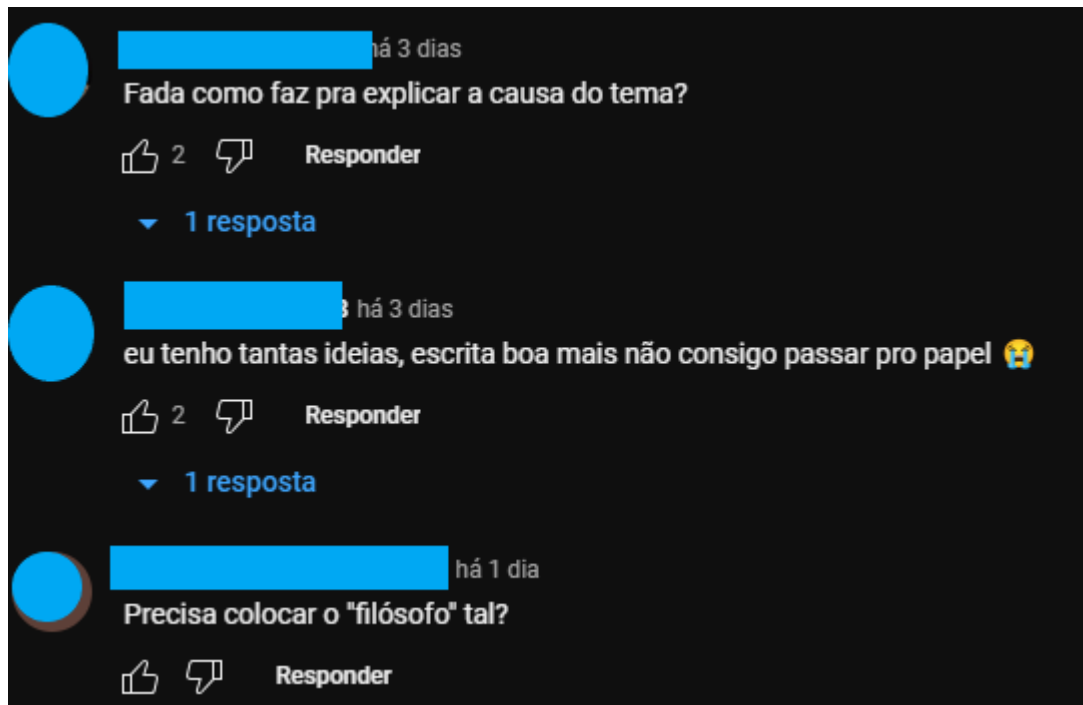


Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Na Figura 2, percebemos alguns recursos visuais que são usados para apresentar as frases, sendo utilizados como recursos multimodais, com a frase escrita e uma foto da autora ao fundo, para que seja de fácil memorização e visualização. Além disso, percebemos que a professora fala no vídeo olhando direto para a câmera, o que dá a impressão de estar olhando para o telespectador, como em uma conversa presencial. Emprega também uma música instrumental ao fundo, com volume mais baixo, para estimular ainda mais o interesse do telespectador. Todos esses recursos, juntos a uma edição que os intercale em um vídeo dinâmico, prende a atenção de quem assiste e utiliza a linguagem atual da rede.

Acreditamos que se trata de uma explicação superficial e cheias de promessas que não funciona para todo mundo, apesar de que, no vídeo, dá-se a entender que sim. Nos comentários, a professora coloca o *link* para o curso pago, mas o que chama atenção são comentários como os que se visualiza na Figura 3:

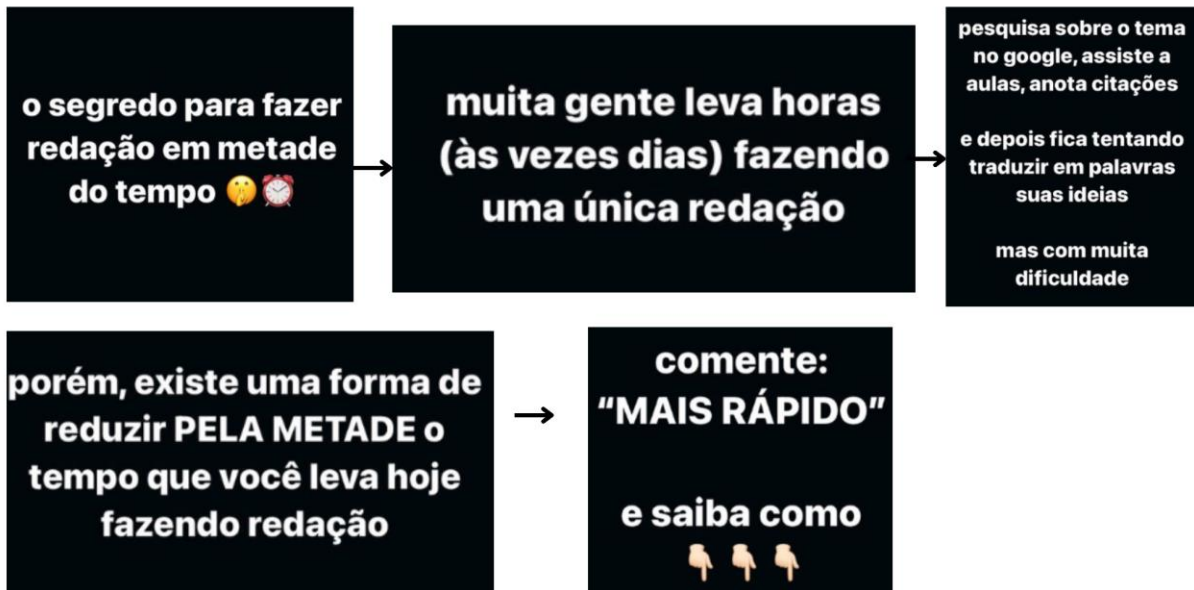
Figura 3: Comentários do vídeo do perfil @redação1 no YouTube



Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Percebemos, pelos comentários da Figura 3, que o tal “modelo” não é tão universal assim e que depende do uso para funcionar. No primeiro comentário, o aluno pergunta “como faz para explicar a causa do tema?”, mostrando uma dúvida profunda já que todo tema é oriundo de uma causa e relacionado a uma consequência que, muitas vezes, já estão presentes na sociedade e são bem difundidos; no segundo comentário o aluno diz que tem boa escrita mas afirma: “não consigo passar para o papel”, o que configura uma dificuldade básica para a escrita que é saber sintetizar ideias e transformá-las para a variedade escrita utilizando linguagem e fluidez de pensamentos próprios dessa modalidade; já no terceiro comentário temos uma dúvida sobre a forma do texto Enem em si, se “precisa colocar o ‘filósofo’ tal”, em como embasar o texto, já que é uma exigência da banca. Percebemos, então, que os macetes podem ficar confusos para alunos com menos experiência com redações do Enem ou com menos acesso a professores ou aulas sobre o tema. Provavelmente, esses comentários não são dos alunos que adquirem o curso pago do perfil, mas dos que acompanham somente o conteúdo gratuito das redes sociais digitais.

Figura 4: *Post* de @redação1 no Instagram



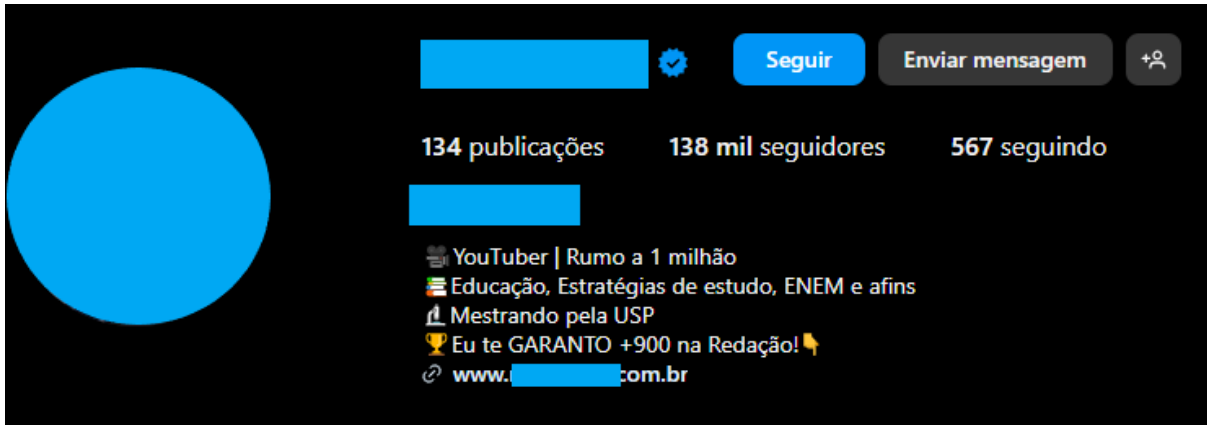
Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Na Figura 4, vemos um *post* de @redação1 no Instagram, em que a primeira parte é um título chamativo: “O segredo para fazer redação em metade do tempo”. As outras partes se dedicam a mostrar como muita gente costuma fazer, gastando muito tempo e tendo muita dificuldade. No último, apresenta-se uma solução para “reduzir PELA METADE o tempo” que se gasta. Para saber, o aluno é chamado a comentar “MAIS RÁPIDO” para saber mais, na verdade, para ter o conteúdo. Trata-se de um *post* de propaganda pura, sem conteúdo algum. Existem 344 comentários a esse *post*, muito mais do que o dobro das outras publicações. Quer dizer que o *marketing* deu certo. Quando eles enviam o comentário, a professora manda uma mensagem privada para cada aluno, o que é possível ver pelos comentários. A mensagem de resposta deve ser um convite para seu conteúdo pago, para ter a resposta para a questão colocada no *post*. Nessa postagem, os recursos multimodais foram utilizados através de esquematização com quadros, setas, contraste de cores (branco e preto) e os *emojis*, para chamar a atenção para um caminho que se deve seguir, dando leveza ao tópico.

Analisando o perfil @redação2, vemos que ele afirma, em letras maiúsculas, que garante a nota mais de 900 pontos no Enem e, logo após, com um *emoji*, cria o sentido de que isso está condicionado a clicar no *link* que vem abaixo do curso pago dele. Assim como no perfil anterior, o professor utiliza os títulos acadêmicos e os números de alunos ou visualização como autoridade de poder, para trazer credibilidade. O mesmo perfil no YouTube contém 101 vídeos e 774 mil inscritos até outubro de 2023. Já o perfil no Instagram conta com 134 publicações e 138 mil seguidores. Na Figura 5, dispomos o perfil no Instagram:

Figura 5: Biografia no perfil @redação2 do Instagram

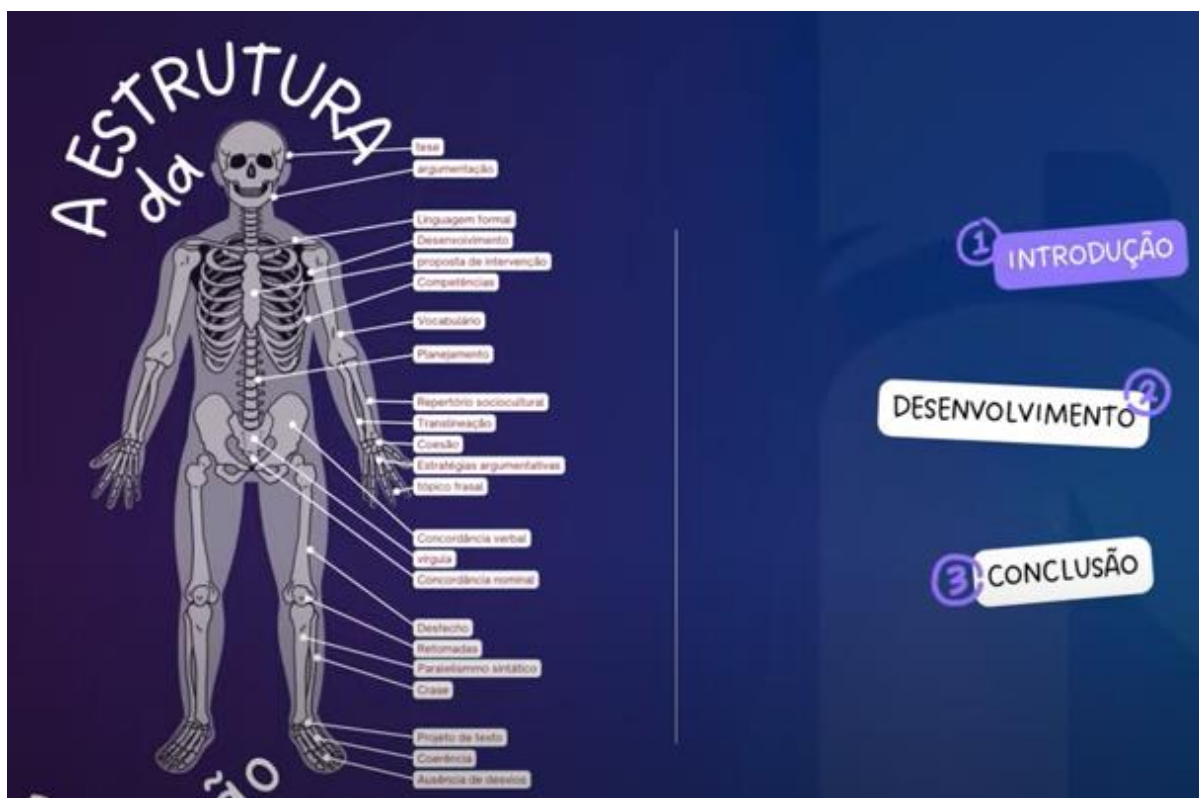




Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

O vídeo do YouTube que foi analisado deste perfil tem como título: “Meu modelo de redação nota 1.000 para o ENEM 2023”. Uma das primeiras frases do professor é: “o modelo se encaixa em qualquer tema que possa cair na redação, ou seja, é um texto nota mil praticamente pronto”. Nesse vídeo, ele fala sobre o modelo em cada parte da redação: introdução, desenvolvimento e conclusão, e por que isso é tão vantajoso para o aluno. Diferentemente do perfil anteriormente analisado, este não utiliza a música de fundo como recurso multimodal, mas sim a voz do professor que vai narrando todas as diversas animações que aparecem, assim como vídeos intercalados que demonstram o que ele fala na narração. Esse recurso, em um vídeo de praticamente 24 minutos, faz com que tenha pequenos alívios a todo momento para que o assunto não fique maçante, para que quem assista tenha estímulos visuais, além do sonoro. Na Figura 6, vê-se um trecho do vídeo em que há uma esquematização da estrutura da redação a partir de uma metáfora com o corpo humano:

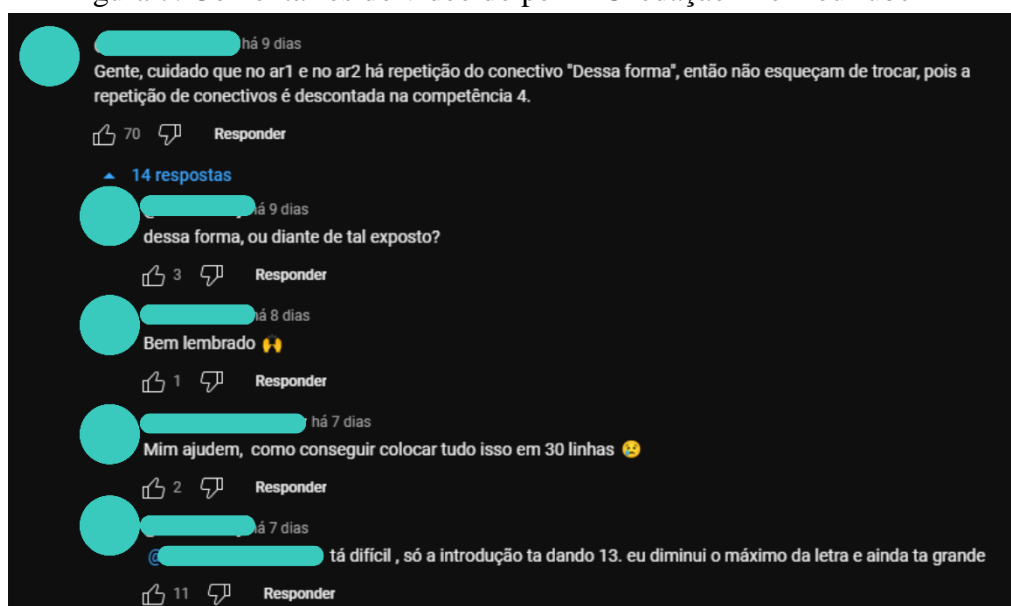
Figura 6: Recurso multimodal do vídeo de @redação2 no YouTube



Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Nos comentários desse vídeo, que conta, nesta data, com mais de 80 mil visualizações, percebemos muitos alunos que acompanham o professor com palavras de esperança, como por exemplo “tenho certeza que passarei desta vez”, outras agradecendo o conteúdo, mas um comentário chamou a atenção, conforme Figura 7:

Figura 7: Comentários do vídeo do perfil @redação2 no YouTube



Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Em um dos comentários, um usuário da rede social comenta que no modelo passado pelo professor tem um erro sobre conectivos que será penalizado pela banca do Enem e alerta aos outros expectadores para que troquem e não cometam tal erro. Como uma forma colaborativa entre os espectadores do vídeo, outro usuário pergunta qual conectivo do modelo está errado, mesmo o primeiro comentário já tendo esclarecido. Outro usuário agradece o alerta. Em seguida, outro comenta: “mim ajudem, como conseguir colocar tudo isso em 30 linhas”, pedindo ajuda para os outros interlocutores. Podemos entender desse comentário que nem a explicação do professor em vídeo nem o modelo foram suficientes para que ele conseguisse colocar suas ideias em um texto de 30 linhas cumprindo o que é necessário. Por último, um usuário comenta que “só a introdução ta dando 13 linhas”. Percebemos, novamente, que a ousada garantia de um modelo de redação que dará nota 1000 no Enem não funciona para todos, já que o modelo seria apenas uma parte do processo, mas saber utilizar as linhas, com conectivos, colocar as ideias no papel de forma a ter início, meio e fim, entre outros, deve também ser de conhecimento do estudante e ter uma boa aplicabilidade no processo seletivo.

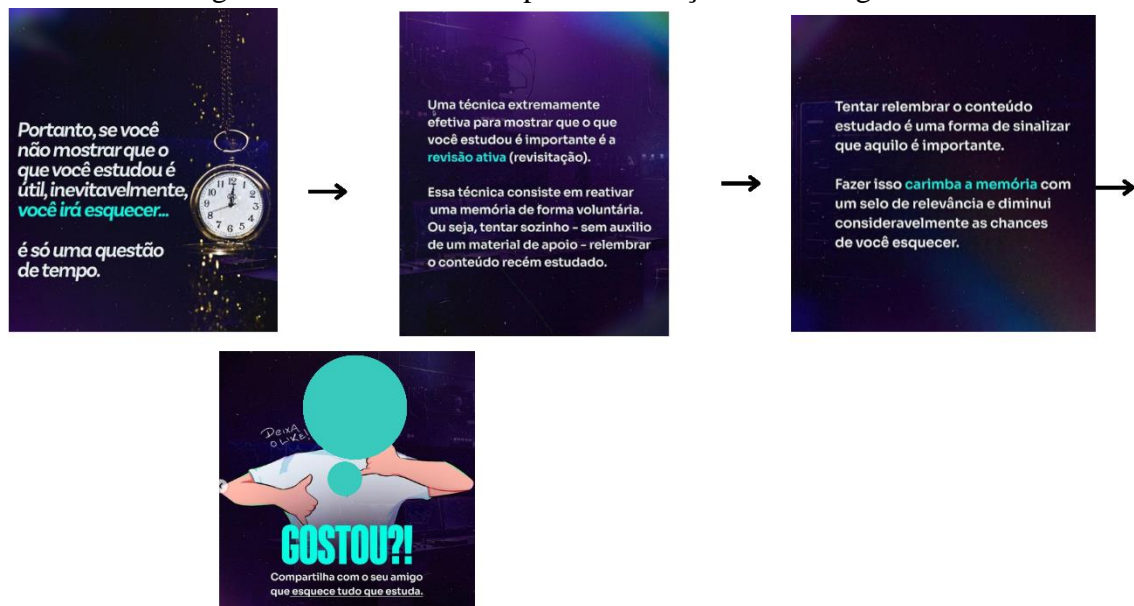
Como *post* do Instagram, analisamos um conteúdo escrito, cujo tema é “Nunca mais esqueça o que você estudou” (Ver Figura 8). Já na capa vemos esse título e um recurso multimodal que é uma foto ilustrativa do tema. Na segunda parte, o título é “esquecer é fisiológico”, o que pode estar em contradição ao tema do *post*, pois, já que esquecer é fisiológico, como posso nunca mais esquecer o que estudo? Esse professor, desde a biografia, é muito enfático em suas promessas e usa termos assertivos, como: “garanto” e “nunca mais”, para assegurar o que está falando, mesmo que seja impossível afirmar isso para todos os casos. Os recursos multimodais desse conteúdo se mostram mais vastos em relação ao perfil anterior. Neste, percebemos o fundo com um pouco mais de cores seguindo o mesmo padrão, não deixando palavras sobre um fundo opaco, o que pode ser mais chamativo. Além disso, são utilizadas como recurso diferentes cores da fonte para chamar atenção a palavras ou frases específicas no texto, além da diferença do tamanho da letra dos títulos. Além disso, na segunda parte, é apresentado um gráfico que ilustra e dá credibilidade ao que é falado (mesmo que não seja apresentada a fonte). Na quinta parte, sim, é apresentada a fonte de um estudo citado, publicado em uma revista estrangeira, o que também dá uma credibilidade. No caso, citar fonte de algo realmente científico se mostra como uma característica positiva.

Figura 8: Parte 1- *Post* do perfil @redação2 no Instagram



Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Figura 9: Parte 2- *Post* do perfil @redação2 no Instagram



Fonte: *Printscreen* feito pela autora (2023)

Nas Figuras 8 e 9, vemos uma postagem só, feita no Instagram, dividida aqui em duas partes devido ao grande tamanho. Percebemos que as telas do *post* seguem o mesmo padrão, com elementos multimodais como: diferentes tamanhos de fontes e cores para destacar parte do texto; a imagem da mulher como se estivesse esquecido algo na primeira tela do *post*; o gráfico que ilustra o que está escrito; e a imagem de um relógio em uma das telas da postagem para ilustrar uma fala sobre o tempo. A postagem segue assim até chegar na última tela, que diz que caso se tenha gostado do conteúdo, que se curta ou se compartilhe a postagem. Nesta última, há um diferencial desse professor em sua comunicação e que é o recurso multimodal mais utilizado por ele: um desenho do próprio professor, bem colorido, que, aparece em diferentes situações e está muito presente tanto no YouTube quanto no Instagram, marcando sua

identidade visual. Não é possível mostrar esse desenho para que não haja identificação, mas a escolha de um desenho pode também ser uma estratégia de aproximação com a faixa etária dos alunos.

Percebemos, de maneira geral, após analisar os dois perfis e alguns de seus conteúdos, que não há estímulo à autoria e à criatividade para a escrita da dissertação para o Enem; pelo contrário, há receitas de maneiras fixas para desenvolver qualquer assunto. Acreditamos que, quando professores insistem nesses “modelos prontos”, cometem um equívoco, visto que a dissertação escolar, enquanto gênero do discurso, só faz sentido em situação de comunicação real, como já nos disse Volóchinov (2018). Segundo esse autor, o enunciado é produto da interação verbal e é determinado, principalmente, por situações materiais concretas, portanto, por sujeitos e contextos. Como os sentidos enunciativos nunca estão prontos, já que são construídos de forma dialógica, não faz sentido prometer, com tanta veemência, modelos prontos, que, como vimos na análise de comentários do @redação1, não servem para todos. Isso porque o que é do texto, as articulações, a criação de argumentos, os conectivos, a coesão e a coerência, não pode ser previsto de todas as formas. É preciso que os alunos utilizem seus conhecimentos, nem que seja para adaptar tais modelos. Concluímos, então, que modelos sem conhecimento não conseguem se sustentar.

Para fundamentar isto, Faraco (2009 p. 59-60) afirma que “todo dizer não pode deixar de se orientar para o já dito [...], todo dizer é orientado para uma resposta [...], todo dizer é internamente dialogizado [...]”. Portanto, nenhum enunciado surge de um vazio; pelo contrário, ele se dirige a alguém de quem espera resposta e está imerso em uma complexidade de vozes sociais, pois é heterogêneo e se constitui na alteridade. Toda essa complexidade é ligada e interligada por recursos linguísticos finos que devem ser bem utilizados para garantir que a mensagem será passada. Além disso, cada um consegue marcar na sua linguagem o seu *estilo* e na redação do Enem não é diferente.

Pudemos ver, que de fato são usados diversos recursos multimodais, em ambos os perfis analisados, seja em texto, seja em vídeo ou em qualquer outra forma de conteúdo. Nesse contexto e com a popularização dos gêneros textuais multimodais, proporcionando uma nova forma de fazer leitura, conseqüentemente são necessárias habilidades da parte do leitor, de interpretar textos, necessitando que ele aprimore suas competências leitoras compreendidas no contexto comunicativo, conforme explicado por Vieira e Silvestre (2015) assim:

[...] o uso pela sociedade contemporânea de avançados instrumentos tecnológicos e informatizados fez mais pela linguagem do que acelerar a sua velocidade transformadora, marcou de modo irreversível os seus contornos, reconfigurando-a, desenhando outros gêneros e diferentes padrões discursivos, dando-lhe nova feição e novas práticas (Vieira; Silvestre, 2015, p. 35).

De fato, os recursos multimodais chamam atenção e estão mais de acordo com o que se espera dos conteúdos hoje. Pudemos perceber isso nos vídeos, com cortes, músicas, ilustrações, narração em áudio etc., mas também nos textos escritos com utilização de *emojis*, característicos de uma linguagem mais informal, fundos coloridos, diferentes cores para as letras e diferentes tamanhos para os títulos, assim como a utilização de desenhos. Isso com

certeza influencia, além das promessas feitas por ambos os perfis, para que alcancem tantas pessoas e tenham tantos seguidores nas redes sociais digitais. Independente de qualquer conteúdo, ele sendo bonito, interativo e cativante, já conta muito para quem acompanha.

## 5. Conclusão

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a educação básica, prevê objetivos de aprendizagem para que o aluno tenha como utilizar e transitar entre seus conhecimentos em diversas situações. Em duas de suas dez competências gerais, o documento enfatiza o desenvolvimento da autonomia, protagonismo e pensamento crítico dos discentes (Competência 4 e 7) (Brasil, 2018). Nessa perspectiva, observamos que as propostas analisadas, que trabalham com “modelos prontos”, “adaptáveis a qualquer tema” vão de encontro ao previsto no documento oficial, especialmente quanto às competências citadas. A BNCC visa formar sujeitos críticos, protagonistas, ativos, e que saibam performar discursivamente no mundo por meio de diferentes linguagens e gêneros discursivos (assim como textos dissertativos, como é cobrado no Enem), e se posicionarem de maneira ética em contextos de práticas sociais. Portanto, tanto o perfil @redação1 quanto o @redação2 parecem fazer um movimento contrário ao documento oficial citado.

A intenção mercadológica desses perfis que vendem cursos para muitos, de forma massiva, como é o caso dos analisados neste trabalho, talvez seja um dificultador para que eles alcancem a personalização necessária para um crescimento crítico dos alunos. Esse fim mercadológico cria um embate direto com a intenção do professor, que, para vender mais e sempre, precisa fazer promessas e “facilitar” ao máximo a vida do aluno que escreve uma redação, o que acaba por criar um movimento massivo de plágio tanto nas redações quanto nas redes sociais digitais, que independente das notas alcançadas no Enem, trazem consequência na formação do sujeito crítico e bem articulado entre discursos e gêneros.

No que diz respeito aos artifícios multimodais, percebe-se que é preciso, diante de uma variação tão grande encontrada no âmbito das redes sociais digitais, que quem consuma esses conteúdos ampliem suas experiências de letramentos, para que, dessa forma, possa participar das práticas sociais constituídas por outras linguagens e dar conta dos sentidos, para que consiga, por exemplo, ler uma frase ao mesmo tempo que existe uma narração em áudio em um vídeo, ou que consiga ler um texto e interpretar um gráfico de acordo com o que leu. Essas habilidades que são exigidas de quem recebe o conteúdo são vistas como positivas já que ampliam a sua capacidade como leitor pleno, com acesso a diversos recursos, e de fato os artifícios multimodais auxiliam e completam o entendimento dos temas.

## Referências

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e Interação**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-289.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Normativismo linguístico em redes sociais digitais**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(55.3): 731-755, set./dez. 2016 735a Internet, os sites, os aplicativos para dispositivos móveis. (2013).

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Ministério da Educação, 2000.

DIONÍSIO, Â. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, Luiz A; DIONÍSIO, Angela P. (org.). **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-198.

DIONÍSIO, Â. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 140-165.

DIONÍSIO, Â. P. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipas Comunicação, 2014.

FAVERO, R. V. M. **A cultura dos usos das redes na academia: um olhar de professores universitários, brasileiros e italianos, sobre o uso das mídias sociais na docência**. 2016, 200 f. Tese (Doutorado em Educação). UFRGS, Porto Alegre.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

Mortimer, E. F., Moro, L., & Sá, E. F. (2018). Referenciais teóricos usados na Pesquisa: Discurso, semiótica social e Multimodalidade. In E. F. Mortimer & A. L. Quadros. **Multimodalidade no Ensino Superior**. Ijuí, RS: Unijuí, p. 17-53.

NOGUEIRA, M. C. B. **Ouvindo a voz do (pré)adolescente brasileiro da geração digital sobre o livro didático de inglês desenvolvido no Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

[https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=10439@1](https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=10439@1).

Acesso em: 19 jul. 2023.

NOGUEIRA, L. dos S. Entre a pesquisa e a escola: as fontes, o professor e a construção do conhecimento histórico. 2010. In: **X Encontro estadual de história o Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional**. Disponível em: < [http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279222823\\_ARQUIVO\\_laisa\\_nogueira\\_ANPUH.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279222823_ARQUIVO_laisa_nogueira_ANPUH.pdf), Acesso em: 02 set. 2023

PIRES, F. da R. e AMARAL, E. M. H. **O Uso e a influência das redes sociais no ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2011.

PRIULI, R. M. **Uma aula na cabeça, uma câmera na mão: a transposição para videoaula na formação de professores na perspectiva da complexidade**. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROSSARO, Ana Laura. Educación em red: Las redes sociales como nuevos entornos de aprendizaje. In: Seminario "Tecnologías de la Información y Comunicación integradas a la educación: Las redes sociales y la Educación. 2010. **Anais** Disponível em: <http://www.educoscerro.com/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, C. M. da. **As novas tecnologias de informação e comunicação e a emergência da sociedade informacional**. 2006. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/247945502/As-Novas-Tecnologias-de-Informacao-e-Comunicacao-e-a-Emergencia-Da-Sociedade-Infomacional>. Acesso em: 10 de set. de 2023

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à multimodalidade: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social**. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.



VOLOCHINOV, V. (círculo de Bakhtin) **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.